

processo de sociabilidade que abre caminho para a conscientização” e que a conseqüente “...apreensão da realidade, indispensável ao processo de conscientização, dificilmente seria feita pela mulher dona-de-casa”. Assim, procura a pesquisadora analisar o modo “...como a trabalhadora superou as desvantagens históricas do isolamento no lar, da privação de práticas de organização, e desenvolveu sua consciência de classe”.

Compreensivelmente, não é de hoje o interesse da autora sobre o tema deste livro, como bem atesta o trabalho, realizado em colaboração com Lígia Albuquerque, *O Trabalho Feminino*.¹ Trata-se, portanto, de trabalho amadurecido através de longo e íntimo contato da pesquisadora com o objeto de sua investigação.

Amparado em sólida e exaustiva literatura sobre a matéria do seu livro e, principalmente, em pesquisa de campo conduzida com exemplar correção e rigor científicos, *A Trabalhadora Rural* representa, repita-se, contribuição de inquestionável originalidade sobre o seu tema específico, assim como trabalho da mais alta relevância entre os estudos sobre a condição social da mulher brasileira no campo, constituindo, assim, motivo de orgulho para a Fundação Joaquim Nabuco, por se situar na categoria do que de melhor tem sido realizado pelos pesquisadores desta Instituição.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Católica de Pernambuco

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche, Metafísica e Nihilismo*. Trad. M. A. Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 294 p.

Martin Heidegger, que até meados do século XX dividia a celebridade com outros pensadores, inclusive Jaspers, veio aos poucos ocupando o proscênio e aparecendo como o filósofo mais estudado ou pelo menos mais citado do Ocidente no novecentos. E entrará pelo século XXI, ao que parece. Talvez uma parte desta vasta fama se deva ao confuso problema de suas relações com o nazismo; deve-se também, é claro, ao mérito de sua obra e também à “fortuna” (*habent sua fata libelli*) que esta teve. E um pouco, quem sabe, ao charme do romance com Hannah Arendt.

Grande pensador, sem dúvida; mas não tão grande quanto julgam

certos estudiosos, que parecem equipará-lo a um Platão ou a um Hegel.

De certo modo, o filósofo de *Ser e Tempo* se encontra dentro de uma tendência que vem, pelo menos, do romantismo: a tendência a um contacto (freqüentemente fecundo) entre filosofia e literatura. No caso de Heidegger, a coisa se enriquece (ou se complica) com eventuais doses de etimologia grega. Creio porém que o século XX atribuiu ao pensador da Floresta Negra um tamanho desproporcional; diria, pelo menos, que ainda não se tem “distanciamento” histórico bastante para uma visão crítica a respeito. Penso aliás que outras figuras do século XX têm sido objeto de culto exagerado: já vi citarem Wittgenstein como o maior pensador do século, o que é no mínimo uma extravagância.

A filosofia de Heidegger, cabe reconhecer, reúne a erudição filológica com a capacidade de inventar temas. O que é um dado positivo. Ortega fez algo parecido, embora em ambos os casos – no de Heidegger principalmente – tenham surgido críticas a uma certa gratuidade na manipulação dos étimos. Além disso sua filosofia, a de Heidegger, ajudou a criar um *modo* especial de filosofar e de “falar sobre filosofia”, correndo porém o risco de ceder à tentação da tautologia (diferente da dos logicistas) e às flutuações que ocorrem dentro das disponibilidades da linguagem. À época da publicação do *Sein und Zeit* ainda cabiam certas inovações feitas mais para desconcertar do que para esclarecer (não nego o mérito do livro, construindo com profundidade e originalidade). A partir de certo momento, não tanto.

A fixação de Heidegger em relação aos autores gregos e alemães (Derrida já escreveu com muito humor sobre a frase segundo a qual o espírito só se revela nestas duas línguas, a grega e a alemã), resulta em uma certa concentração especulativa, mas restringe evidentemente as referências do pensamento.

O presente livro, traduzido de um dos volumes das *Obras Completas* do filósofo, apresenta em grau extremo aquelas características mencionadas: o cunho vago e oscilante das frases, a repetição dos temas dentro de cada frase, o descompromisso em relação aos padrões convencionais do pensar, que na verdade *não* são desprezíveis. As frases passam entre o óbvio e o ininteligível; os jogos de palavras mais desconcertam (como algo lúdico) do que enriquecem o conteúdo.

Nelson Saldanha
Instituto Brasileiro de Filosofia